

200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA E SUAS HEROÍNAS: MARIA FELIPA DE OLIVEIRA, UMA MULHER NEGRA NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NA BAHIA

Cidinha da Silva¹

RESUMO

O texto busca criar um imaginário calcado na ideia de ancestralidade, no qual se desenvolvem representação e ações de Maria Felipa de Oliveira, heroína da luta pela independência do Brasil em solo baiano. Os ancestrais são mais do que nossos pais, mães, avós, trisavós e outros parentes mais velhos que já se foram. Eles são aqueles que fizeram história e tiveram o valor e a importância de suas trajetórias reconhecidas pela comunidade. Essas pessoas são e serão sempre bem lembradas e constituem uma força viva que, do mundo invisível, ancora os vivos nesta existência. E nós, os que ainda estamos aqui, caminhamos a partir da ancoragem dessa presença e rumo ao farol dessa presença. Esta é a representação de Maria Felipa de Oliveira, uma valorosa ancestral do povo negro brasileiro.

Palavras-chave: Ancestralidade. Independência do Brasil. Lutas. Mulheres.

ABSTRACT

The text aims to create an imaginary based on the idea of ancestry, in which the representation and actions of Maria Felipa de Oliveira, heroine of the struggle for independence of Brazil on Bahian soil, are developed. Ancestors are more than our fathers, mothers, grandparents, great-great-grandparents and other older relatives who have passed away. They are those who made history and had the value and importance of their trajectories recognized by the community. These people are and will always be well remembered and constitute a living force that, from the invisible world, anchors the living in this existence. This is the representation of Maria Felipa de Oliveira, a valiant ancestor of the Brazilian black people.

Keywords: Ancestry. Independence of Brazil. Struggles. Women

1 Cidinha da Silva (MG) tem 20 livros publicados, entre eles, os premiados: “Um Exu em Nova York” (Biblioteca Nacional, 2019) e “O mar de Manu” (APCA 2021, melhor livro infantil e acervo PNL 2023). Organizou duas obras fundamentais para o pensamento sobre as relações raciais contemporâneas no Brasil, “Ações Afirmativas em Educação: experiências brasileiras” (2003) e “Africanidades e Relações Raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil” (2014).

A disputa de narrativas em torno da Independência do Brasil trouxe à luz várias mulheres que participaram do processo em cidades brasileiras como São Paulo, Salvador, Recife, Rio de Janeiro. Entre elas, Maria Felipa de Oliveira, no Recôncavo da Bahia.

A literatura também nos traz informações sobre outras duas mulheres (brancas) envolvidas nas lutas pela Independência na Bahia e a repercussão de seu envolvimento. A primeira, a religiosa Joana Angélica, assassinada a golpes de baioneta em 10 de fevereiro de 1822, ao tentar impedir que soldados portugueses invadissem o convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, em Salvador, Bahia. Ela ficou conhecida como “mártir da Independência”, e sua morte fomentou as lutas patrióticas e possivelmente chegou aos ouvidos de Maria Felipa de Oliveira e de suas companheiras, instigando-as a lutar. Outra foi Maria Quitéria de Medeiros, uma mulher que se fingiu de homem para alistar-se e, mesmo depois de descoberta sua falsa identidade, conseguiu permanecer no Exército Brasileiro devido às suas exímias técnicas de montaria e tiro. Esta, Maria Felipa e outras mulheres chegaram a enfrentar uma batalha juntas no rio Paraguai, na qual “lutaram com água até os seios”, conforme documentou a literatura da época.

A síntese das características de Maria Felipa de Oliveira feita pela pesquisadora Lívia Prata contempla muito do que se disse sobre ela:

Sua figura era impactante: alta, corpulenta, energética. Costumava usar batas bordadas na cor branca, saias rodadas, turbante, torço e chinelas. Quando necessário, amarrava a saia nas pernas e lutava com golpes de capoeira. Era comum vê-la com os cabelos revoltos, a camisa descaída e as costas lavadas de suor agitando-se à frente da turba. Junto com as suas companheiras, aproveitava-se dessas vestes para esconder armas, principalmente as peixeiras que utilizavam em seu trabalho [de pescadoras]. Folhas de espinhos também eram ocultas junto a flores e outras folhas comuns, fazendo com que parecessem estar apenas enfeitadas. Ela tinha a fé dos seus antepassados, a fé do candomblé dos orixás, dos caboclos escondidos nas matas. Uma fé injustiçada, que não se podia declarar em público, praticada clandestinamente. (PRATA, 2018, s. p.)

Estima-se que teria por volta de 22 ou 23 anos no período das lutas, entre 1822 e 1823. Sua data de falecimento é 4 de janeiro de 1873, entre os 73 e 74 anos. Uma longa vida produtiva vivida.

Maria Felipa de Oliveira foi uma realizadora da própria independência numa sociedade escravocrata e, com seu exemplo, disse a todas as mulheres negras que nossos projetos de liberdade e autonomia são possíveis.

Houve diversos pelotões de voluntários livres agregados ao Exército, os escravizados que foram recrutados das fazendas ou mesmo aqueles que fugiam das fazendas e se alistaram, todos na expectativa de serem premiados com a liberdade depois de vencida a guerra, assim como os grupos de populares livres que não se integraram ao Exército, mas fizeram as lutas da Independência em seus lugarejos de origem. Entre estes, os grupos liderados por Maria Felipa de Oliveira foram fundamentais para que os “brasileiros” vencessem a guerra na Bahia.

A topografia do lugar, o velho Arraial da Ponta das Baleias, e os segredos do rio Paraguaçu, seus mangues e embocaduras, constituíam águas, montes e terras dominadas por Maria Felipa de Oliveira, exímia pescadora de baleias, marisqueira e ganhadeira. Não bastasse pescar as baleias, ela sabia tratá-las, como dizem na Bahia, manteá-las como diziam os insulanos, salgava a carne e a preparava para venda. Uma baleia adulta produzia cerca de 70 toneladas de carne e de 30 a 40 tonéis de óleo. Este tinha múltiplos usos, entre os quais o de combustível para as lamparinas das vias públicas, das casas, para lubrificar o maquinário da engrenagem escravocrata dos engenhos, para preparar argamassas destinadas ao revestimento de paredões e outras obras de alvenaria.

Afora o domínio dessas tecnologias, Maria Felipa mercava, tradição ancestral herdada das mulheres africanas que garantia a própria sobrevivência e a manutenção da prole. E navegava, deslocava-se soberana de barco e jangada para Salvador e para vilas do Recôncavo. Como conhecia todos os meandros do Paraguaçu e seus acidentes, conseguia deslocar-se à noite e sabia onde os barcos portugueses estariam atracados e como se desviar das vistas de sua tripulação, de modo a evitar possíveis ataques e saques.

A historiadora Eny Kleyde Farias nos conta que Maria Felipa

tomava as principais decisões sobre o preparo e a venda deste produto [alimentos], as viagens pelo rio Paraguaçu em direção a Cachoeira, passando pela Vila de Nazaré, e outros lugares às margens do grande rio. Ensinava a ordem, a história, os espaços geográficos e orientava sobre os combates que poderiam ocorrer. A importância de guardar a “boca do grande rio” para que portugueses inimigos não entrassem no Recôncavo, tornava a heroína admirada pelos companheiros de trabalho. Liderar como marisqueira levava-a a fugir às “limitações” de apenas “catamariscos”, porque identificava novos lugares e se tornava acreditada pelos seus métodos de trabalho. Vender alimentos em tempos de combate entre inimigos, quando os víveres são geralmente escassos exigia cuidados na guarda, no trato e no processo de venda. (FARIAS, 2010, p. 76.)

Não se ganha uma guerra sem informações precisas sobre a movimentação dos inimigos, e Maria Felipa de Oliveira, Marcolina, Joana Soleiro, Brígida do Vale e outras 37 mulheres, cujos nomes a história omitiu, compunham o “Batalhão das Vedetas”. Sobre esse rico episódio da luta pela Independência em solo da Ilha de Itaparica nos conta Livia Prata:

Naqueles tempos de conflito, muitos barcos inimigos navegavam pelo Recôncavo. Para monitorar esses barcos, Maria Felipa e suas companheiras formaram um grupo chamado de Vedetas. A função delas era de sentinela: noite e dia patrulhavam as matas, os manguezais, as praias e todos os caminhos da ilha, inclusive subindo em outeiros como o do Balaústre e o da Josefa, mais próximos aos campos de guerra. Levando tochas acesas feitas de palha de coco e chumbo, identificavam portugueses que desciam dos barcos à noite para saquear a vila (interceptando principalmente alimentos) e também para lutar. Maria Felipa liderava este grupo e também se encarregava de repassar informações sobre a guerra para companheiros de luta em Salvador, a bordo de uma jangada. (PRATA, 2018, s.p.)

Tem-se construído uma representação pública de Maria Felipa de Oliveira ao longo das últimas décadas que fortalece dois aspectos importantes no sentido da construção de imaginários favoráveis para localizarmos (e vocalizarmos) as lutas das mulheres negras. O primeiro, dos movimentos sociais protagonizados por mulheres negras, que têm em Felipa forte inspiração para a efetivação de um trabalho cada vez mais autônomo e audaz. São exemplares, as organizações sociais que levam seu nome, principalmente no estado da Bahia².

O segundo aspecto potencializado pela atuação de Maria Felipa num imaginário libertador para as mulheres negras é o oferecimento de elementos para pensarmos a noção de ancestralidade.

Os ancestrais são mais do que nossos pais, mães, avos, trisavós e outros parentes mais velhos que já se foram. Eles são aqueles que fizeram história e tiveram o valor e a importância de suas trajetórias reconhecidas pela comunidade. Essas pessoas são e serão sempre bem lembradas e constituem uma força viva que, do mundo invisível, ancora os vivos nesta existência. E nós, os que ainda estamos aqui, caminhamos a partir da ancoragem dessa presença e rumo ao farol dessa presença. Esta é a representação de Maria Felipa de Oliveira, nossa valorosa ancestral.

2 A pesquisadora Eny Cleyde Farias nos conta sobre a Casa Maria Felipa, criada em 2005 no Curuzu, bairro da Liberdade, em Salvador; também sobre a criação da Associação Maria Felipa de Oliveira, em Itaparica (2008) que oferecia o Troféu Maria Felipa a mulheres que se destacaram na sociedade itaparicana.

A ancestralidade é como a lagoa de Nanã, uma água aparentemente plácida que está ali desde sempre. Uma presença imóvel, estática, mansa quando se movimenta, mas essa impressão é ilusória. O mergulho nas águas de Nanã, seja físico ou seja apenas um mergulho de leitura, de interpretação, é caminho que leva a um só tempo ao desconhecido que a placidez encobre (andrajos, corpos, objetos, alimentos) e àquilo que é conhecido, porque nos deu origem e nos fundamentou.

Maria Felipa de Oliveira materializa a ancestralidade que nos permitiu chegar até aqui, a memória viva de pessoas negras e indígenas submetidas ao racismo e à indignidade de seus desdobramentos: o desemprego, a miséria, a fome. A conexão perene com a ancestralidade, permite a nós, povos negros e indígenas, o acesso a tecnologias de produção de infinitos que geram encantamento, driblam a morte e nos mantêm vivas e fortes.

REFERÊNCIAS

- FARIAS, Eny Kleyde. *Maria Felipa de Oliveira: heroína da Independência da Bahia*. Salvador: Quarteto, 2010.
- PRATA, Lívia. *Maria Felipa: uma heroína baiana*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.